



CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010. 200 p.

Valter Pereira **ROMANO** *

A obra *Geolinguística: tradição e modernidade*, de autoria de Suzana Alice Cardoso, eminente dialetóloga brasileira, é a mais recente publicação da editora Parábola na coleção Língua[gem]. Com uma linguagem objetiva e clara, sem, contudo, abdicar do uso de termos técnicos, este livro propicia uma leitura agradável não só para o leitor estudioso da Dialetologia, mas também para aqueles iniciantes na área. Além de fornecer informações gerais sobre este ramo dos estudos linguísticos, contextualizando as pesquisas geolinguísticas desenvolvidas no mundo e, mais especificamente, no Brasil, Cardoso trata, principalmente, de questões metodológicas que perpassam o estudo geolinguístico, contribuindo para a atualização daqueles que desenvolvem ou pretendem desenvolver atlas linguísticos. Interessam-se também pelo livro os professores de língua materna, sobretudo o último capítulo, no qual a autora traz uma reflexão sobre a importância da Geolinguística para o ensino.

Composta de 200 páginas, a obra está organizada em três grandes partes: i) Situando a Dialetologia; ii) Percursos metodológicos e iii) Geolinguística do Português. Constam do livro também as notas introdutórias do editor, a apresentação feita pela autora e, ao final, um pequeno glossário de termos da área.

* Mestrando em Estudos da Linguagem (UEL). Integrante do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Contato: valter.romano@hotmail.com

Primeira parte: *Situando a Dialetolegia*

A primeira parte do livro compreende dois capítulos. O primeiro – *A Dialetolegia e os estudos da variação linguística* – define e situa este ramo dos estudos linguísticos, salientando a importância dos estudos dialetológicos para melhor conhecimento da língua. O segundo capítulo – *Uma preliminar necessária: a diversidade de usos das línguas no curso da história* – retrata, numa perspectiva histórica, as diversas naturezas da variação: a diatópica, a diastrática, a diageracional e a diafásica, que repercutem sobre a linguagem humana.

Segunda parte: *Percursos Metodológicos*

A segunda parte é composta por quatro grandes capítulos. Nos dois primeiros, com base na obra *La dialectologie*, de Pop (1950), Cardoso traça o percurso histórico seguido pelos estudos dialetais no mundo, dando enfoque principal à apresentação crítica dos primeiros atlas linguísticos europeus.

No terceiro capítulo desta segunda parte, a autora discute algumas questões metodológicas do estudo dialetal e esclarece a confusão existente, para alguns, entre a Dialetolegia e a Geolinguística, esta última entendida pela autora como o método da primeira. Porém, o ponto principal de discussão do capítulo é a interface entre a Dialetolegia e a Sociolinguística, pois, atualmente, a visão diatópica dada aos estudos geolinguísticos não está desacompanhada da visão social. Percorre, dessa forma, os “veios sociolinguísticos” que têm, de maneira decisiva, entrado no campo da Dialetolegia, o que acarreta um desafio para os pesquisadores na “organização inteligente e racional do grande rol de dados coletados” (p. 64). Ainda nesse capítulo, Cardoso apresenta a tipologia dos atlas, classificando-os a partir de dois critérios básicos: (i) o espaço físico (atlas regionais; atlas nacionais; atlas de grupos linguísticos e atlas continentais); e (ii) a natureza dos dados (atlas de primeira geração, atlas de segunda geração e os atlas de terceira geração).

No último capítulo da segunda parte – *Aplicação do método* –, Cardoso, de forma didática, trata do tripé principal sobre o qual se fundamenta a pesquisa dialetológica: i) a rede de pontos; ii) os informantes e iii) os questionários. Quanto à rede de pontos (i), ressalta que, modernamente, a escolha das localidades a serem pesquisadas não tem mais se pautado em critérios tradicionais, como antiguidade

ou pouco desenvolvimento, mas tem-se considerado o traçado que o mundo moderno vem delineando às cidades, regiões ou países. Quanto aos informantes (ii), o dialetólogo se depara com questões atreladas à quantidade e ao seu perfil (características socioculturais, idade, sexo e escolaridade). Sobre os questionários (iii), estes podem ser fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico, pragmático discursivo e metalinguístico, conforme os objetivos da pesquisa, mas sempre devem estar adequados ao contexto sociocultural da região linguística investigada. Como exemplo de questionário, a autora apresenta algumas questões dos Questionários 2001 do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Ao final do capítulo, outros aspectos interessantes da pesquisa dialetológica são apontados, como o registro dos dados, a preparação do inquiridor (entrevistador), controle das informações extralinguísticas por meio de fichas, além de algumas questões relacionadas à catalogação e arquivamento do material coletado.

Terceira parte: A Geolinguística do Português

A última parte do livro organiza-se em dois capítulos: i) *A geolinguística em Portugal e no Brasil* e ii) *Geolinguística e ensino do português língua materna: interfaces*.

No capítulo *A geolinguística em Portugal e no Brasil*, a autora traça o caminho que os estudos dialetais percorreram em Portugal, pautando-se, principalmente, na periodicidade estabelecida por Manuela Barros Ferreira (1994). Faz algumas afirmações sobre a importância da participação de Portugal no Atlas Linguístico da Península Ibérica (ALPI), o que pode ser considerada como a primeira manifestação concreta no campo da Geolinguística portuguesa. Cardoso trata, também, de algumas características metodológicas do Atlas Linguístico do Litoral Português, de Gabriela Vitorino (1987). Comenta, ainda, sobre a retomada do Atlas Linguístico Etnográfico de Portugal (ALEP), que teve sua gênese no início da Dialetologia portuguesa com Boléo, Cintra e Herculano de Carvalho (1957) e, no século XXI, transformou-se no Atlas Linguístico Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). Assim, contextualiza o estágio atual da Dialetologia portuguesa, que tem como núcleo principal o GED – Grupo de Estudos de Dialetologia – encabeçado por João Saramago, Manuela Barros Ferreira, Gabriela Vitorino e Luísa Segura, da Universidade de Lisboa.

Sobre o caminho da Dialetoologia no Brasil, a autora apresenta a periodicidade estabelecida por Nascentes (1953), Ferreira e Cardoso (1994) e Cardoso e Mota (2005), todas complementares entre si. De forma sucinta, apresenta os trabalhos pioneiros da Dialetoologia brasileira, como o de Amadeu Amaral – *O dialeto caipira* (1920); *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934); e *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1953). No campo da Geolinguística, retrata os primeiros atlas linguísticos estaduais, como: o *Atlas prévio dos falares baianos – APFB* (Rossi *et al.*, 1963); o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – EALMG* (Ribeiro *et al.*, 1977); o *Atlas Linguístico do Sergipe – ALS* (Ferreira *et al.*, 1987); o *Atlas linguístico da Paraíba – ALPB* (Aragão e Menezes, 1984); e o *Atlas linguístico do Paraná – ALPR* (Aguilera, 1994). Para a autora, esses atlas propiciaram o desenvolvimento da mentalidade dialetológica brasileira, o que contribuiu para o início das atividades do *Atlas Linguístico do Brasil*, em 1996. Assim, com o início dos trabalhos para o ALiB, a Dialetoologia brasileira tomou uma nova orientação, incorporando os princípios da Sociolinguística, “abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogênica, monofásica etc” (p. 142). Feita esta primeira contextualização, Cardoso segue o capítulo apresentando sumariamente os principais atlas linguísticos publicados e em desenvolvimento no Brasil. A apresentação desses atlas demonstra o quanto é profícua a Geolinguística brasileira, sobretudo, a partir do lançamento do Projeto ALiB, que tem servido de modelo para os estudos dialetológicos, seja na definição da rede de pontos, no perfil dos informantes, nos modelos de transcrição e na revisão de dados ou modelos de instrumentos de coleta.

No último capítulo – *Geolinguística e ensino do português língua materna: interfaces* – Cardoso faz breves reflexões acerca da importância dos estudos teóricos, desenvolvidos nas universidades, sobre a prática dos professores de língua materna. Assim, desenvolve este capítulo refletindo sobre a indagação inicial de “como conceber o ensino levando-se em conta essa intrincada malha da variação do uso da língua?” (p. 181). Ressalta, sobretudo, que os estudos dialetais precisam contribuir para uma compreensão melhor do contexto sociocultural em que professores e alunos estão inseridos. Salienta que, apesar de termos projetos que trabalham com variedades regionais, a exemplo do

NURC, Projeto Censo, Peul, VARSUL, VARLParaíba, o ensino de variação linguística carece de um trabalho geral, sistemático. No tocante a isto, o Projeto ALiB contribuirá para melhor compreensão da diversidade linguística e das normas presentes em nosso país.

Dessa forma, a obra *Geolinguística: tradição e modernidade* mostra ao leitor o quanto o método tradicional, o geolinguístico, se mantém presente nos dias de hoje. A Dialectologia no Brasil – e no mundo – vem se expandindo e agregando as dimensões sociais à dimensão diatópica, desenvolvendo-se, numa perspectiva pluridimensional, ao mesmo tempo em que se moderniza com os recursos da informática, que têm contribuído no armazenamento de dados geolinguísticos e no tratamento cartográfico. Este livro veio somar-se a três outras obras fundamentais da Dialectologia brasileira: *A Geolinguística no Brasil*, de Sílvia Figueiredo Brandão (1991); *A Dialectologia no Brasil*, de Carlota Ferreira e Suzana Cardoso (1994) e *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*, livro organizado por Vanderci de Andrade Aguilera (1998). A leitura desta obra propiciará uma atualização do leitor acerca das principais pesquisas geolinguísticas desenvolvidas no Brasil, bem como dos procedimentos metodológicos de realização da pesquisa geolinguística. Além de descrever a metodologia e fornecer informações históricas, este livro inova ao trazer reflexões sobre a Geolinguística e o ensino. No tocante a isto, temos muito a fazer, visto que os atlas linguísticos ainda não conseguiram chegar à sala de aula por questões diversas, sobretudo, aquelas atreladas à formação dos professores. Com toda a maestria de sua linguagem, Cardoso conseguiu reunir em obra introdutória os principais pressupostos teórico-metodológicos do estudo dialectológico. Além disso, o livro traz uma ampla bibliografia que possibilitará um aprofundamento teórico ao leitor, constituindo-se como uma obra indispensável para compor a biblioteca de todo pesquisador que se dedica ao estudo da língua portuguesa.